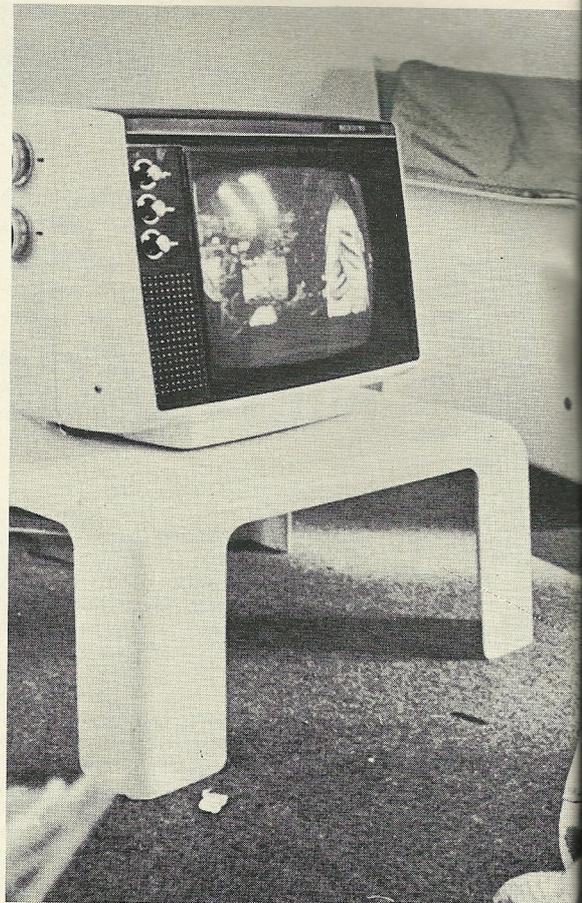


# A criança e a TV

**Uma pesquisa feita pelo IBOPE revelou que em média as crianças passam seis horas por dia diante do televisor. Quais as conseqüências desse hábito? O que aconselham os educadores?**



"**U**ltraman entra em ação!", gritou Fernando e pulou de uma poltrona, com uma toalha amarrada ao pescoço. Foi assim que meu primo de nove anos me acolheu quando entrei em sua casa. Depois, veio me mostrar seu caderno de desenho. Não havia mais nenhuma página em branco! Ao folhear o caderno, procurei curiosamente verificar a variedade das cenas e personagens que inspiraram seus desenhos. Fiquei intrigado, pois em cada página se repetia sempre o mesmo desenho, qual um monótono refrão: um robot de ferro que mata o dragão, disparando nele um raio de fogo.

Pareceu-me intuir naquele momento o quanto os filmes e desenhos animados da TV condicionam a imaginação e a vida da criança. A partir daí comecei a ler com mais interesse os artigos que falam sobre este problema: queria ter uma idéia mais clara, a partir do que pessoas competentes dizem a respeito da influência da TV sobre a criança.

É sem grandes pretensões que vou colocar aqui alguns dados para a reflexão do leitor sobre este aspecto da vida de nossas crianças.

Um fato que muito me impressionou é a incidência que a TV tem sobre o comportamento da criança. Paula Sadaña – apresentadora e produtora do programa infantil "Globinho" – disse em uma entrevista a "O Cruzeiro" que "a TV capta todas as atenções da criança que está diante dela, alheia a tudo que se passa em volta. É no vídeo que uma série de coisas é mostrada à criança, é dali que elas extraem grande parte do que vão considerar como certo, normal e real. A televisão inclusive conduz o seu comportamento e, indiretamente, vai-lhe dizer até que atitudes tomar diante da vida." Ela insiste na necessidade de se elaborar programas infantis que levem em conta as necessidades da criança, que estejam ligados ao mundo real e à sua vida, e que desenvolvam sua criatividade e senso crítico. Salienta, ainda, os obstáculos que se opõem a seus esforços neste sentido, a começar pela falta de interesse em se investir em filmes de animação brasileiros que, embora tratem de uma realidade mais próxima da criança, acabam sendo substituídos pelos filmes estrangeiros, simplesmente porque já vêm prontos e são menos custosos.

## Uma estranha companheira

Estes programas oferecem uma avalanche de informações, na maioria das vezes alienantes, a um grande número de crianças brasileiras que passam a tarde toda diante do aparelho. De fato, segundo pesquisas realizadas pelo IBOPE, a audiência do horário das 12 às 18 horas é composta quase que exclusivamente por crianças de até 12 anos e verificou-se que durante este período a média de audiência não se altera, o que indica que muitas crianças normalmente passam seis horas de seu dia diante do televisor.

Uma das conseqüências disso é a falsa sensação de companhia que a criança tem ao estar diante da TV. Com suas imagens sedutoras, a televisão apresenta-se como um amigo. "Um amigo fictício – diz uma psicóloga – que não anda, não responde, não abraça, nem faz todas as coisas que as pessoas normalmente fazem, mas que obriga a criança a se comportar com ela como se estivesse tendo um relacionamento entre as pessoas. A TV é unilateral, não há a volta, a troca de infor-



mações. Ela está próxima e surpreendentemente distante.”

Este fato também preocupa muitos educadores. Mariângela Zalluar – diretora de uma Escolinha de Arte para crianças –, por exemplo, acha que a televisão é um dos elementos que contribui para que o homem se distancie de si mesmo e dos outros, acentuando um processo que já ocorre também devido à excessiva aglomeração de pessoas numa mesma cidade, o que paradoxalmente faz com que a solidão seja cada vez maior. “A criança – diz ela – vive e recebe esse distanciamento como se fosse um padrão normal de relacionamento, e a televisão contribui para isso na medida em que se torna o brinquedo preferido, em detrimento de conversas e brincadeiras com os pais ou amigos.”

Há, ainda, quem fale sobre este fato com maior veemência. O Prof. Marques de Melo – diretor de Ensino da Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas de São Paulo e membro da “Internacional Association for Mass Communication Research,” – chega a dizer (em uma entrevista à Revista Rainha) “que na família a televisão passou a ocupar o primeiro lugar,

antes do pai, da mãe e das crianças. Fica o dia todo ligada, e nos momentos de convivência da família monopoliza todas as atenções. Nas horas em que os pais se encontram em casa e poderiam desenvolver uma conversação com os filhos no sentido de garantir a introjeção de certos valores sociais, esses se mantêm em silêncio, exatamente porque no momento em que se encontram reunidos, estão sendo apresentados aqueles programas de preferência dos pais, e as crianças, ou assistem, ou são obrigadas a ficar caladas, a fim de não perturbarem a participação dos pais na televisão. Como se vê, a televisão criou alguns conflitos no seio da família e eu diria muito mais, que ela veio substituir a figura do pai e da mãe.”

A TV, em muitos casos, está desempenhando o papel de babá, de amigo, de pai e de mãe para as crianças. Mas com isso, evidentemente, não se pode dizer que é a única culpada pela quebra de relacionamento entre os elementos da família. As causas da desagregação da família são bem mais amplas e complexas, mas inegavelmente a televisão apresenta-se como uma opção fácil para substituir o relacionamento

pessoal em casa, que, às vezes, é muito mais empenhativo.

## A TV fomenta a passividade

Além de ser um amigo impessoal que nos prende a atenção e nos ajuda a fugir do relacionamento com os familiares, a TV fomenta uma atitude de passividade. “Enquanto a leitura, o filme, uma foto, ou pintura – diz Paula Saldanha – estimulam o uso da memória, da imaginação e de uma série de outros recursos perceptivos, a televisão não exige nada do espectador, uma vez que as informações que ela fornece são completas e seu ritmo bastante acelerado. Com a rapidez das imagens que se sucedem, não sobra tempo para que as pessoas pensem, questionem ou acrescentem nada ao que estão vendo e ouvindo.”

A criança que assiste muito à televisão não tem oportunidade para desenvolver sua criatividade e sua capacidade de crítica. Psicólogos mostram que mais de duas horas de TV por dia é prejudicial às crianças, por melhores que sejam os programas. Elas ficam passivamente recebendo estímulos pelos olhos e os ouvidos, quando, na verdade, precisam movimentar-se, gastar suas energias, sentir experimentar o mundo e a vida intensamente. É justamente quando brincam que utilizam seu potencial criativo, inventando novas brincadeiras, novos personagens, outras formas de utilizar os materiais e objetos, dando vazão às suas fantasias.

## Alienação cultural

As programações de TV podem distanciar psicologicamente a criança de sua realidade mais próxima. Mas também, da realidade social e cultural de sua região e de sua nação. Isto porque ocorre uma predominância da programação de televisão produzida na região Rio-São Paulo. Estas programações, por serem menos custosas, reprodutem em grande parte, ou simplesmente veiculam, as programações elaboradas nos Estados Unidos. Com isso, “as crianças, os adolescentes brasileiros – diz, ainda, o prof. Marques de Melo – estarão muito mais próximos dos padrões de comportamento das crianças e adolescentes norte-americanos ou de outras áreas industrializadas do que dos padrões de comportamento de seus pais e avós. Esta invasão cultural está levando inclusive a um dis-

tanciamento entre as gerações. Mas se entre elas estarão distanciadas, estarão ao mesmo tempo relacionadas com a problemática mundial, a partir dos estereótipos e das caricaturas criadas nos Estados Unidos, que é o centro de maior exportação de programas para o nosso país."

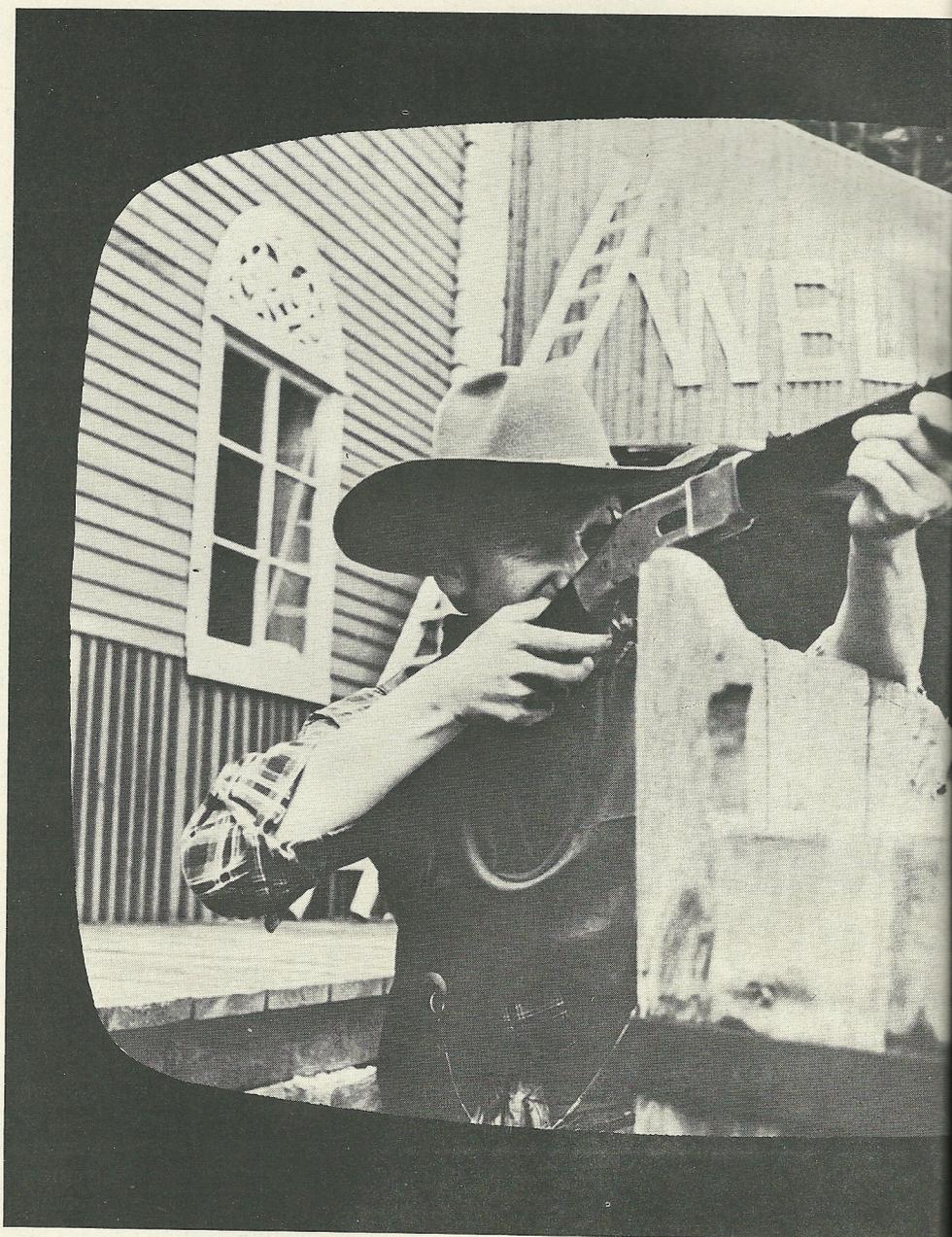
## Violência na TV



O tipo de influência exercida sobre as crianças pelas cenas violentas é um assunto muito discutido. Na opinião do prof. Rovigatti, especialista italiano em comunicações, "nenhum estúdio sério hoje ousa negar que as imagens oferecidas pelos meios de comunicação de massa podem ser objetos de sugestão e de imitação, principalmente para as crianças". Para ele, as comunicações de massa podem realmente causar violência.

Já se provou cientificamente que os meninos *aprendem e recordam* a violência lida, vista e ouvida através dos áudio-visuais; enquanto não se provou ainda que a violência na televisão tenha apenas a função de libertá-los de formas e agressividade.

Num estudo científico sobre os efeitos da violência na TV, elaborado na Alemanha, em 1971, chegou-se à conclusão de que a representação da violência provoca comportamentos agressivos em sujeitos a ela predispostos. Mas também em pessoas normais, que não sejam particularmente propensas a assumirem comportamentos agressivos, podem se imprimir na memória, por muito tempo, atos violentos vistos no filme ou na TV. Além disso o acúmulo de cenas violentas na TV leva as crianças a se convencerem de que os adultos vivem em uma sociedade má e de que os conflitos devem ser superados **normalmente** mediante a violência e que os meios não-violen-



tos seriam meras exceções.

A Televisão francesa, alarmada pelos numerosos protestos através de cartas e da imprensa, encarregou uma comissão de estudar o problema da violência na TV e as possíveis soluções. Esta comissão concluiu que existe o risco, (neste caso também para os adultos) de se acostumar à violência, o que gera a indiferença e destrói a sensibilidade: habitua-se aos efeitos da violência na TV e não se reage mais a ela; acaba-se por considerá-la como um meio normal de se resolver os problemas humanos, insinuando-se lentamente a falta de respeito pela vida humana. Este fato, na opinião de Charles Atkin, estudioso dos efeitos da televisão "é pior que a violência que se incorpora aos hábitos infantis".

Segundo um estudo internacional

feito pela UNESCO (Orgão da Organização das Nações Unidas), os meios de comunicação de massa espelham a violência existente na sociedade. Eles não são responsáveis pela violência do mundo em que vivemos, mas podem contribuir para propagá-la. Seria um erro culpá-los por todos os males da sociedade, mas os autores e programadores não podem se eximir do próprio dever de levar em conta a influência que exercem sobre as relações humanas. De qualquer modo, se para alguns seria uma medida superficial e até mesmo perigosa suprimir nos programas de televisão toda forma de violência, por outro lado seria um crime permanecer indiferentes às conseqüências de certos programas. Não se pode brincar com a sensibilidade, a fragilidade e a vulnerabilidade da crianças



“Kojak”, que lhe serviu de motivação para o crime.

## O que fazer, então?



Diante deste quadro, no que se refere aos programas que contenham cenas de violência, a UNESCO segrega aos responsáveis pelos meios de comunicação que os coloquem em horários tardios e que limitem ao máximo a transmissão de “comerciais” que fornecem mensagens violentas.

Mas isto não basta. É preciso que se elaborem programas adequados à realidade das nossas crianças, que desenvolvam sua criatividade, sua capacidade de julgar os fatos, de conviver e colaborar com outros. E, uma vez que a televisão só apresenta os programas que têm audiência e são aceitos pelo público, os programas adequados serão elaborados e os inconvenientes, suprimidos, somente se houver uma pressão de nossa parte, os telespectadores, junto às autoridades, assim como junto aos patrocinadores, produtores e diretores de TV, mediante, por exemplo, cartas que contenham críticas a determinados programas e sugestões para a mudança. Uma carta nada resolve, mas centenas delas podem modificar qualquer programa. Afinal de contas nós pagamos pelos programas que assistimos na TV, pois seu custo está incluído no preço dos produtos que ela nos leva a comprar.

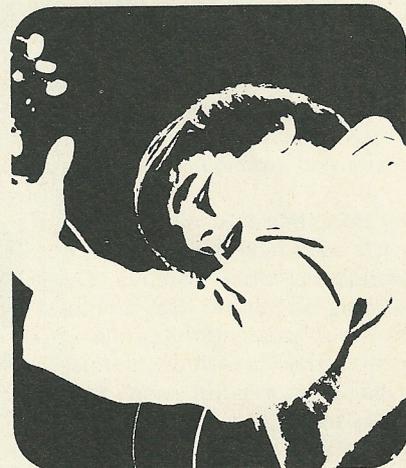
Medidas mais imediatas também podem ser tomadas em casa, no sentido de disciplinar o uso da TV em família.

Em primeiro lugar, os educadores parecem unânimes em dizer que não se deve proibir os filhos de verem televisão e sim procurar orientá-los na seleção dos programas que tenham melhor conteúdo educativos, e melhor conteúdo diversional. Algumas crian-

ças dizem: “em casa não assistimos à televisão; nós assistimos a programas”.

Além disso, os pais poderiam assistir aos programas junto com as crianças, escolhendo o que a elas agrada, e depois discutir com elas os aspectos negativos e positivos do programa. Assim, mesmo diante de programas que não tenham conteúdo tão bom quanto se desejaria, os pais atuam como intermediários entre os filhos e a TV, estimulando a formação de sua capacidade crítica.

A atuação dos pais é também importante para disciplinar os horários, ajudando os filhos a compreender que *existe hora para tudo*: hora para estudar, passear, para ver TV e para fazer os deveres de casa. Ao mesmo tempo, pode-se promover uma série de outras atividades alternativas em casa, como brincadeiras, jogos, passeios, leituras, música, a fim e evitar que os filhos se concentrem exclusivamente na televisão.



Estas orientações podem nos ajudar a encontrar o melhor modo de fazer com que a televisão possa cumprir o seu papel sem deteriorar a criatividade, a liberdade e o relacionamento entre os familiares. É preciso assumir uma atitude decidida em relação ao uso da TV. Mas certas decisões, que parecem insignificantes, podem ser fundamentais para a construção da família. Para nós – minha esposa, nossa pequena filha e eu – foi após ter desligado o televisor, para conversarmos sobre um desentendimento, que, um dia, descobrimos como a televisão pode dificultar o relacionamento na vida familiar. A decisão que tomamos, então, foi a de colocar cada coisa em seu devido lugar: as atividades de trabalho, o relacionamento social, as horas de lazer, de estudo, e os programas de televisão.

**Reinaldo Matias Fleuri**

**Quem se habitua a ver cenas de violência na TV corre o risco de considerar a própria violência como um meio normal de se resolver os problemas humanos.**

e dos jovens. De fato, nos Estados Unidos, os pais de um rapaz de quinze anos, condenado à morte, exigiram de três emissoras de televisão uma indenização de 25 milhões de dólares, alegando que o filho, assassino de uma senhora de 82 anos, fora levado ao crime após assistir a um filme da série